
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS DE FRANCISCO BELTRÃO

O ESCRAVO NO BRASIL

NILVIA IZABEL PAVANI
HISTÓRIA

FRANCISCO BELTRÃO
1998

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

O ESCRAVO NO BRASIL

**Projeto de Ensino apresentado pela aluna
Nilvia Izabel Pavani, como requisito para
a conclusão do Curso de Pós-Graduação
em Educação de Jovens e Adultos sob a
orientação da Prof^a *Serlei Maria Fischer
Renzi***

**FRANCISCO BELTRÃO
1998**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS DE FRANCISCO BELTRÃO**

O ESCRAVO NO BRASIL

**NILVIA IZABEL PAVANI
HISTÓRIA**

**FRANCISCO BELTRÃO
1998**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	3
CAPÍTULO I	
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
1 – O NEGRO: A BASE DA COLONIZAÇÃO	5
1.1 _ Escravos	5
1.2 _ Predomínio da Escravidão.....	7
1ª UNIDADE	
A ESCRAVIDÃO	11
Texto 1 _ A organização do tráfico negreiro	12
2ª UNIDADE	
PRISIONEIROS NA ÁFRICA, ESCRAVOS NO BRASIL	15
Texto 2 _ Tumbeiros: mortos e vivos viajam juntos	17
Leitura Complementar: O Navio Negreiro	18
3ª UNIDADE	
O PODEROSO SENHOR DO ENGENHO	19
Texto 3 _ O trabalho no engenho.....	21
4ª UNIDADE	
O CAFÉ	23
Texto 4 _ O café e a escravidão	24
5ª UNIDADE	
A LUTA CONTRA A ESCRAVIDÃO	26
Texto 5 _ Quilombos: o espaço da liberdade.....	27
6ª UNIDADE	
ZUMBI	30
Texto 6 _ Zumbi.....	31
7ª UNIDADE	
FILME: ESCRAVIDÃO NO BRASIL	33
8ª UNIDADE	
O ESCRAVO NEGRO.....	34
Texto 8 _ Como vive o negro no Brasil atualmente.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39

INTRODUÇÃO

A principal razão deste trabalho é demonstrar para os alunos da 6ª Série, que o escravo negro foi utilizado pelas classes dominantes de forma cruel, violenta e desumana.

Tentaremos uma forma de fazer com que o aluno compreenda que as dificuldades que atravessamos hoje, são frutos de um longo processo de transformações educacionais, econômicas, políticas e sociais.

A situação do negro hoje não é muito diferente da de cem anos atrás, embora não seja mais escravo, continua sendo “ser inferior”.

Os negros geralmente conseguem trabalho de pouco prestígio social e a prova disso é que grande número de negros reside em bairros pobres.

Durante a escravidão eram considerados “o de baixo” , inferioridade estabelecida a partir de costumes diferentes, hoje passa a ser defendida a partir da cor. A maioria passou a ocupar mais baixas posições na sociedade brasileira, primeiro como escravos e hoje como homens livres.

Ao contrário de hoje, em que o trabalho em geral é livre e remunerado, na colônia o trabalho era escravo. Ao contrário de hoje em que existem indústrias, em que a agricultura, a criação de gado e a extração de minérios e vegetais contam com o auxílio de máquinas desenvolvidas, antes a produção era basicamente manual, exigindo maior esforço e mais trabalhadores.

Hoje continuam vítimas dos preconceitos raciais que a sociedade escravista criou. Mesmo abandonando o campo pela cidade vivem em condições miseráveis.

O processo de emancipação do negro não culminou com a abolição, começou, mas está longe de se concretizar. recebemos herança colonial, a escravidão, o latifúndio e como conseqüência o atraso social e econômico.

A herança histórica para a população negra atual, constitui um pesado fardo, repleto de discriminação e preconceito contra o qual é preciso lutar.

Sabemos que há muito o que fazer no aspecto social, o país tem pressa, pois sem solucionar tais problemas, o futuro demorará mais a chegar.

Percebemos que, principalmente para o negro, só os anos e os locais de trabalho é que mudaram, pois continuam sendo a classe mais explorada e marginalizada do país.

Pretendemos demonstrar que devemos ter o conhecimento do passado, deste passado onde seres humanos como nós, durante centenas de anos sofreram, criaram uma civilização numa sucessão de esforços para serem o que são, injustiçados pelas classes dominantes.

Assim, nossa problemática desenvolver-se-á, num diálogo contínuo com a Escravidão Negra, para que os nossos alunos possam compreender o tempo presente e tentarmos levá-los a compreender que na sociedade escravista colonial, os lugares eram fixados de antemão. Pretos eram escravos, índios eram servos e brancos por definição eram homens livres.]

O tema “escravidão Negra” será desenvolvido no decurso de 10 aulas expositivas. Usaremos recursos diversos (textos, gravuras, cenas selecionadas de filmes e mapas.

Nos voltaremos basicamente para a construção da identidade pessoal do educando tomando como critérios de análise comparativa entre o ensino produtivo que se pretende alcançar e o ensino reprodutivo que se pretende superar.

O conteúdo é o meio para a construção do conhecimento, atividades coletivas. Uso de imagem como recurso para observação, reflexão e diálogo entre os alunos.

Nossa metodologia pretende transportar o aluno para uma viagem de conhecimento do passado, trazendo-o novamente para a atualidade, tornando-o capaz de criticar a sociedade na qual está inserido.

CAPÍTULO I

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1 _ O NEGRO: A BASE DA COLONIZAÇÃO

Embora índio tenha sido elemento importante para a construção da colônia nos seus primeiros tempos, o negro o suplantou, constituindo o trabalho de africanos e seus descendentes, o pilar mais sólido sobre o qual se erigiu a sociedade brasileira.

Em alguns pontos do território, o índio chegou a ser mais fundamental que o negro, como mão-de-obra. Até o final do século XVI, quase não encontrava-se pretos, e referiam-se na verdade a índios, pois a palavra era usada para designar quaisquer elementos das raças dominantes. Nos primeiros tempo do Rio de Janeiro, até a segunda metade do século XVII, a mão-de-obra nativa era predominante e sua escravidão chegou a polêmicas e conflitos sobre os colonos e algumas autoridades.

O mesmo se deu nas regiões setentrionais do Brasil, Maranhão, Pará, onde o tráfico negreiro só tornou-se regular nas últimas décadas do século XVIII. Lá o índio foi muito utilizado, de maneira que exclusiva, tornando-se objeto de cirradas disputas entre jesuítas e colonos.

O domínio do escravo negro foi total nas grandes açucareiras da Bahia e da Zona da Mata nordestina, generalizando-se mais tarde para todas as áreas da economia exploradora do Brasil.

1.1 _ ESCRAVOS

... As propriedades são uma reunião de instrumentos e o escravo é uma propriedade animada... Se cada instrumento pudesse executar por si próprio a vontade ou o

pensamento do dono... ... se (por exemplo) o arco pudesse tirar sozinho da cítara os sons desejados, os arquitetos não teriam necessidade de operários, nem os senhores teriam necessidade de escravo...

Todos aqueles que nada têm de melhor para nos oferecer que o uso do seu corpo e dos seus membros são condenados pela natureza à escravidão. É melhor para eles servir que serem abandonados a si próprios. Numa palavra, é naturalmente escravo quem tem tão pouca alma e tão poucos meios que deve resolver-se a depender de outrem... O uso dos escravos e dos animais é aproximadamente o mesmo...

Segundo BRIAN, apontaremos três características principais para definir o escravo no Brasil Colônia:

- 1 _ Sua pessoa é propriedade de outro homem;
- 2 _ Sua vontade está subordinada à autoridade do seu dono;
- 3 _ Seu trabalho é obtido mediante coação.

Outros autores acrescentariam que tais características só definiriam um escravo nos casos em que transcendem os limites das relações estritamente familiares.

Não são chamados escravos os filhos e esposas explorados por pais e maridos tirânicos em sociedades patriarcais. Além do exposto, diversos outros atributos decorrem de ser o escravo uma propriedade.

A sua situação não depende da relação que tenha com um senhor em particular e não está limitada no tempo e no espaço. Em outras palavras sua condição é hereditária e a propriedade sobre sua pessoa é transmissível por venda, doação, aluguel, empréstimo, confisco, etc. Esta característica transforma o escravo legalmente numa coisa. Ele não tem direitos nem família legal. Quando a lei reconhece a validade do casamento religioso como no Brasil colonial, este é com frequência impedido pelo senhor. Carece mesmo do direito ao próprio nome que o dono pode mudar quando quiser.

Segundo SANTOS, *“O negro não pertencia a quem o gerava, mas ao senhor branco que muitas vezes lhe emprestava o nome”*.

O negro escravo não pode possuir, legar, iniciar processo. E no entanto, sua incapacidade jurídica não é acompanhada pela incapacidade penal; pelo contrário, ao escravo estão reservados os castigos mais duros e a tortura.

O mundo dos escravos não era homogêneo. Distinguia-se em primeiro lugar entre o cativo recém chegado da África, a “boçal”, e o “ladino” africano já aculturado e

entendendo o português. Os africanos eram como um todo, apostas aos “crioulos” nascidos no Brasil.

Havia ainda distinções reconhecidas entre nações africanas de origem diferentemente valorizadas. E dada a mestiçagem, a pela mais ou menos clara, também era fator de diferenciação. Os mulatos e os negros crioulos, eram preferidos para as tarefas domésticas, artesanais e de supervisão, cabendo aos negros, sobretudo os africanos, a dura labuta dos campos e outras tarefas pesadas.

(CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. “O trabalho na colônia. In Linhares, Maria Yelda (org).História geral do Brasil. Rio de Janeiro, Campus, 1990,p:80-1.)

1.2 _ PREDOMÍNIO DA ESCRAVIDÃO

No momento – século XVI a XVIII em que a sociedade europeia se difundia, o trabalho livre e assalariado, a escravidão na sua forma mais cruel aparecia no novo mundo com uma intensidade e desenvolvimento inédito.

Houve a recriação moderna desta forma de trabalho, inclusive com o transporte de milhares de pessoas de um continente para o outro para serem escravizadas. Nesta perspectiva, o negro da escravidão é apenas um acidente. A escravidão foi negra e africana por ser esta região com possibilidade de fornecer esta nova mercadoria: o escravo.

O tráfico africano apresentou dupla face __ o lado dos vendedores que utilizavam o africano como escambo para obterem assim utilidades de que necessitavam, e o lado dos traficantes que viram nele uma mercadoria valiosa. É por esta dupla face, inclusive, que o tráfico e a escravidão se tornam uma atividade lucrativa em plena era do trabalho livre e assalariado.

A escravidão no Brasil generalizou-se no período colonial em formas variadas, convivendo com outras formas de trabalho até o assalariado. Esta convivência determinou os papéis diferenciados que assumiram negros e brancos, bem como os conceitos e os preconceitos do trabalho.

“Apesar de existir a escravidão indígena, a base de toda a sociedade colonial foi o trabalho escravo africano, que se tornou o fundamento de todo o processo produtivo”.

(TRINDADE, Judite Maria Barboza, SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. S. Formação da Sociedade Brasileira. Curitiba, UFPR, p: 48, 1992.)

A partir da metade do século XVI, a produção portuguesa de açúcar, passa a ser mais e mais uma empresa em comum com os flamengos, inicialmente representados pelos interesses de Antuérpia e em seguida pelos de Amsterdã. Os flamengos recolham o produto em Lisboa, refinavam-no e faziam a distribuição por toda a Europa, particularmente o Báltico, a França e a Inglaterra”. (FURTADO. Formação econômica do Brasil. São Paulo, Nacional, p: 8-12.

Uma produção em escala para o mercado externo como foi a colonial, exigia um grande contingente de trabalhadores, braços fortes, baixo custo, grande rendimento. Veio desta forma para o Brasil Colonial, grande massa de negros africanos, transportados cruelmente e utilizados de forma violenta e desumana.

A sociedade brasileira formou-se e modificou-se sempre em função das necessidades e interesses econômicos do capitalismo. Nesta época, as potências européias precisavam acumular capital. A solução para se chegar a um custo baixo de produção foi a utilização do trabalho escravo.

“Os escravos são as mãos e os pés do senhor de engenho, porque sem eles no Brasil, não é possível fazer conservar e aumentar fazenda, nem Ter engenho concorrente”. (ANTONIL. Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas.)

“Pela metade do século XIX, a força de trabalho da economia brasileira estava basicamente constituída por uma massa de escravos que talvez não alcançasse dois milhões de indivíduos. Qualquer empreendimento que se pretendesse realizar, teria de chocar-se com a inelasticidade da oferta de trabalho. O primeiro censo demográfico realizado em

1872, indica que neste ano, existiam no Brasil, aproximadamente 1,5 milhões de escravos. Tendo em vista que o número de escravos no começo do século era de algo mais de um milhão e que nos primeiros cinquenta anos do século XIX se importou muito provavelmente mais de meio milhão, deduz-se que a taxa de mortalidade era superior à de natalidade”.

FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. São Paulo, Fundo de Cultura, p: 141, 1964.

Esta análise de Celso Furtado, coloca em evidência um dos principais problemas enfrentados pela cafeicultura paulista em sua expansão para o interior da Província: a questão da mão-de-obra.

Após três séculos e meio de escravismo, o negro continuava sendo a principal força de trabalho, ao passo que a mentalidade escravista que ligava a prática do trabalho na lavoura à condição de escravo e a “inferioridade” da raça” continuava imperando. Assim na cafeicultura, a mão-de-obra escrava negra predominava de forma absoluta.

A grande expansão cafeeira para o oeste paulista, ocorreu a partir de 1870, ou seja, quando as importações de escravos já estavam definitivamente proibidas. Desta maneira, as oportunidades para a obtenção da indispensável mão-de-obra para as lavouras restringiam-se a oferta interna de escravos deslocados de áreas decadentes (nordeste) para o sul.

Mesmo assim, dada a exiguidade da oferta e a magnitude da procura, os preços tendiam a crescer em grande escala, tornando-se muitas vezes proibitivos para os agricultores de menores posses.

As dificuldades que se interpunham à imigração e à incapacidade de se aproveitar o trabalhador livre nacional revalorizavam momentaneamente o braço escravo. A grande cultura só podia ser sustentada pelos agricultores que possuíssem escravos em número suficiente para o custeio de suas fazendas.

Como a mortalidade entre os escravos era altíssima, sobretudo antes do século XIX, os negros brasileiros de hoje descendem em sua esmagadora maioria de negros africanos aqui chegados de 1850 em diante.

O livro didático que utilizamos “História e Vida” dos autores Claudino e Nelson Piletti, trabalha o tema “Escravidão” de forma sucinta, sem maiores detalhes, mas faz uma abordagem especial sobre a situação no negro a partir das últimas décadas, o que faz com

que professor e aluno trabalhem o assunto com certa facilidade devido estar próxima a época. Mesmo porque hoje, o assunto se propaga em jornais, televisão e revistas, o que torna impossível não haver discussão.

1ª UNIDADE

A ESCRAVIDÃO

A escravidão foi muito comum na antiguidade, especialmente na Grécia e em Roma. Nessas sociedades, os escravos se encarregavam dos mais variados trabalhos. Podemos dizer que em grande parte da grandeza dessas sociedades, deve-se ao trabalho escravo.

O desaparecimento do Império Romano, representou também a decadência desse tipo de trabalho.

Na sociedade feudal, a produção não visava o comércio, mas sim, o autoconsumo. Assim, não havia sentido a escravidão. Dessa forma o servo substituiu o escravo.

A expansão do comércio, a partir do século XIII e XIV, alterou enormemente a sociedade, as economias européias. (Trabalhando com mapas, situarei a Europa e países citados).

Houve dessa forma a ressurreição da escravidão no século XV. Com a expansão das atividades comerciais, houve necessidade de mais mão-de-obra para produzir mercadorias para o comércio. Em Portugal havia falta de mão-de-obra. No século XV, Portugal necessitava de pessoas para o desenvolvimento da agricultura, do comércio, das navegações e das conquistas.

Necessitando de mão-de-obra, Portugal decide buscá-la na África. Em 1443 começam a surgir africanos para trabalhar em Portugal. Ser escravo é não ter liberdade, trabalhar forçado e não receber nada pelo trabalho.

A escravidão tornou-se necessária por dois motivos:

- 1 _ A única maneira de trazer mão-de-obra da África, seria usando a violência;
- 2 _ O escravo era barato e produzia muito, sob o peso do chicote, não recebia salários e tudo o que produzia em riquezas se concentrava nas mãos de seu proprietário.

TEXTO 1

A ORGANIZAÇÃO DO TRÁFICO NEGREIRO

Os portugueses começaram a traficar escravos desde os primeiros tempos de sua expansão pelas costa africana. Sabe-se que em 1448, já havia entrada pequena, porém regular de escravos negros no reino. A crônica de Zurara afirma que o Infante D. Henrique instituiu, em 1443, o imposto de um quinto sobre os cativos entrados, e relata a cena patética da chega dos pretos em Lagos nesse ano, trazidos por Lançarote.

Depois da descoberta das Américas, não demorou que se adotasse a prática de substituir os indígenas exterminados, notadamente no Caribe, por escravos negros. Portugal começou a vender na praça de Sevilha, grandes quantidades de negros. Tal comércio tornou-se rendoso e atraente que, até o início do século XVIII, canalizava para as ilhas espanholas e maior parte dos negros resgatados na costa africana. Logo, ingleses, franceses e holandeses interessaram-se pelo negócio e estabeleceram entrepostos de tráfico em alguns pontos desta costa. Por isso, mais tarde, Portugal organizaria uma Companhia Portuguesa da Guiné, criada para levar às colônias de Castela “10 mil toneladas” de escravos.

Desde muito antes o tráfico conferia altas rendas. “De tal modo se comercializou esta indústria assassina __ eram quase tantos os negros mortos no trânsito quanto os desembarcados, que se fazia a conta de gente viva não por número de pessoas, por medida linear e volume em toneladas como qualquer fazenda inerte.

Baluartes do tráfico: Nas primeiras décadas do século XVI, a Guiné e a ilha de São Tomé constituíam as principais áreas de resgate dos escravos, para os portugueses. Entretanto, as transações se estendiam bem além dos fluidos limites do “Reino da Guiné”, abrangendo toda a chamada Costa da Mina __ nome dado a todo o litoral do golfo da Guiné, e por extensão às ilhas de São Tomé e Príncipe. Compreendia ela outras “costas” menores __ as do Marfim, do Ouro e dos Escravos.

Não se tem consenso sobre a data inicial do embarque de africanos para o Brasil. Em carta de 1552, o Padre Manuel da Nóbrega diz ter pedido e recebido da Guiné três escravos, que chegaram com vários outros, por ordem da Coroa. Artur Ramos afirma que o primeiro embarque de negros, efetuado diretamente da costa da Guiné, passou-se em

1538, em navio pertencente a Jorge Lopes Bixorda, enquanto Pedro Calmon dá 1548 como ano em que o tráfico começou.

No Brasil já existiam alguns negros desde a instalação do governo geral. Mas a partir de 1570 os escravos africanos começaram a chegar em maior quantidade, substituindo os índios na lavouras de cana-de-açúcar e nos trabalhos dos engenhos, principalmente no Nordeste.

Como o preço do escravo negro era cinco vezes mais alto que o dos índios, nem todos os colonos tinham condições de comprar africanos. Por isso, as capitanias onde não havia grande produção de açúcar, o trabalho indígena continuou predominando durante muito tempo. Foi o caso do Maranhão, Pará, Rio de Janeiro e São Paulo.

Os colonos portugueses que vinham para o Brasil com recursos para iniciar o cultivo da cana-de-açúcar, recebiam do capitão donatário um grande lote de terra: a sesmaria. Nem todos os que recebiam sesmaria conseguiam montar um engenho, pois necessitava de muito dinheiro. Assim, o mesmo engenho moía a cana-de-açúcar de vários plantadores.

A produção de açúcar no Brasil colonial se realizava sempre em fazendas muito grandes, trabalhadas por escravos, inicialmente por indígenas e depois por negros trazidos da África.

O açúcar produzido nos engenhos era levado para as vilas e dali embarcado para a Europa. Os plantadores de cana e o proprietário do engenho, conhecido como *senhor do engenho*, ganhavam sua parte, mas o lucro dos comerciantes era muito maior, pois o açúcar revendido na Europa alcançava altos preços. O governo português também ganhava, cobrando impostos dos colonos.

O senhor do engenho permitia que os escravos plantassem pequenas roças de feijão, mandioca e milho, para alimentação deles próprios. Quando o preço do açúcar subia, reduzia-se o espaço dessas roças, com o objetivo de aumentar a produção de cana. Por isso, as vezes chegava a faltar alimento para os escravos.

Além do açúcar, principal produto colonial do Brasil no século XVI e XVII, havia ainda a produção de cachaça e principalmente de fumo, produtos trocados por escravos nas costas da África.

Os escravos realizavam todas as atividades nas plantações de cana e nos engenhos: derrubavam as matas, preparavam o terreno, plantavam a cana, trabalhando

desde o amanhecer até o anoitecer. Na colheita, utilizavam-se homens e mulheres: os homens cortavam a cana e as mulheres amarravam. Em seguida transportavam-se os feixes nos carros de boi para a casa da moenda.

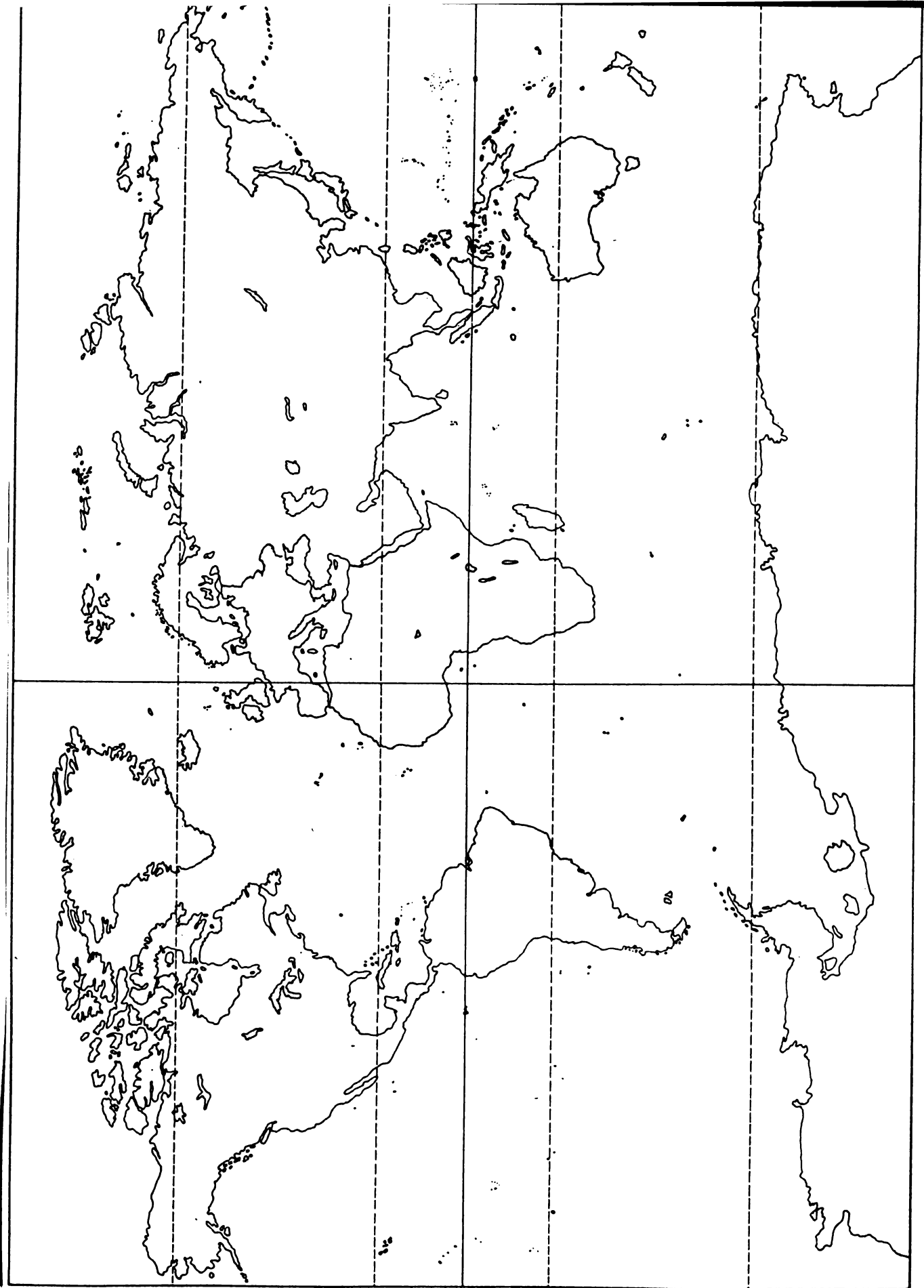
Nos engenhos, a fabricação do açúcar prosseguia dia e noite sem parar. Nesse trabalho revezavam-se duas turmas de escravos.

ATIVIDADES

1 _ Descreva um dia na vida de um escravo na época colonial. Dê um nome ao escravo, escolha o trabalho que ele vai realizar, imagine seus pensamentos e conversas durante o dia.

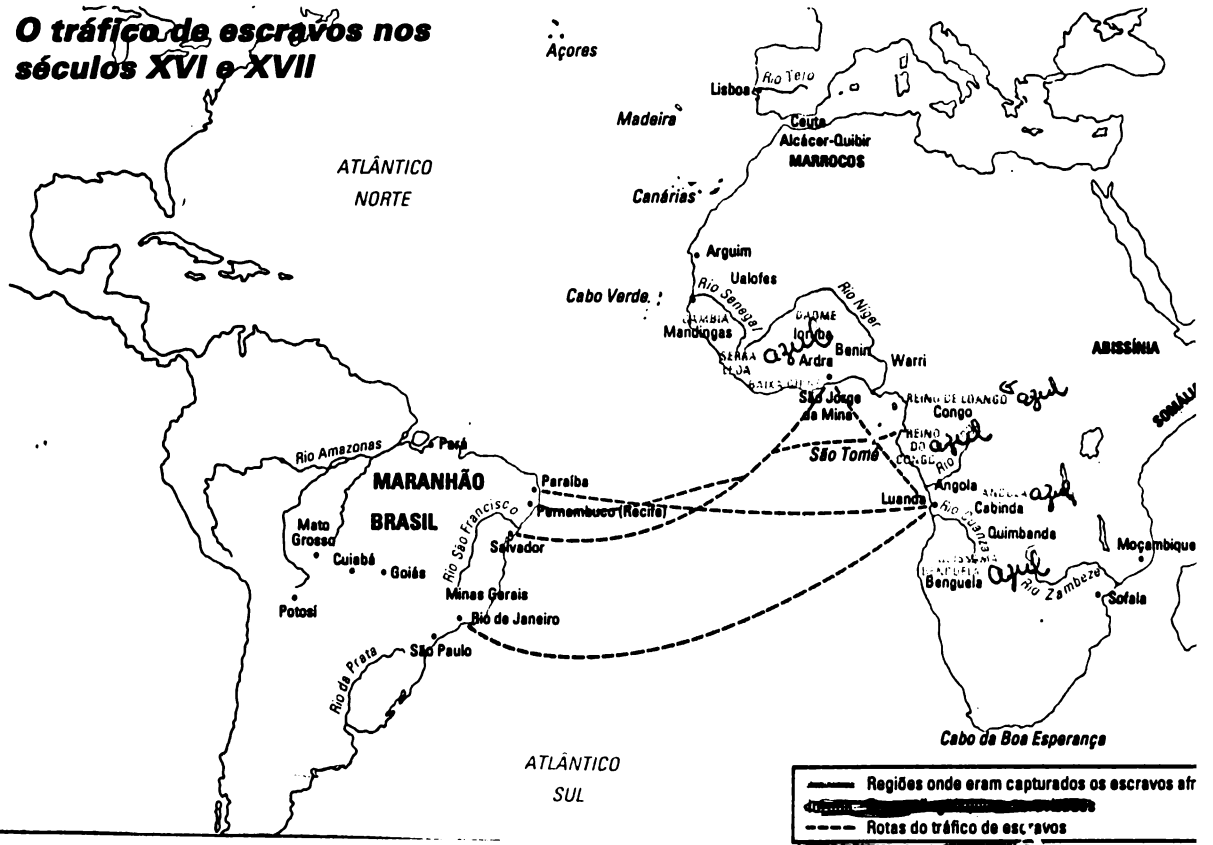
2 _ No mapa mundi, localize o continente europeu, africano e americano.

3 _ Pinte de azul as regiões onde eram capturados os escravos africanos e de vermelho as rotas do tráfico negreiro.



Historia do Brasil.
Milton S. Maria Lins PJ 57

O tráfico de escravos nos séculos XVI e XVII



- - - - - Regiões onde eram capturados os escravos afr
 - - - - - Rotas do tráfico de escravos

História do Brasil
 Milton S. Maria Luiza pg 58

2ª UNIDADE

PRISIONEIRO NA ÁFRICA, ESCRAVOS NO BRASIL

Quando falamos que os portugueses iam à África conseguir escravos, a impressão que se tem é que a África seria um grande “supermercado” de escravos. Foram os próprios europeus que transformaram o continente africano num shopping center de vidas humanas.

A África é composta de dezenas de países. Antigamente, nela havia vários reinos e muitas tribos.

Quando os portugueses desembarcaram na parte oeste do litoral africano, ali já havia vários reinos, bastantes diferentes entre si, diferentes na religião, processo técnico, na forma de governo e nas atividades econômicas.

Entre as sociedades africanas também haviam diferenças. No geral, podemos afirmar que algumas poucas eram reinos bem estruturados politicamente, com exércitos, funcionários e coletores de impostos. Nesses reinos a agricultura, o artesanato e o comércio já eram bem desenvolvidos. Havia uma espécie de nobreza que comandava a política juntamente com os comerciantes.

Esses reinos eram formados por várias aldeias cujos impostos sustentavam seus governos. Além desses reinos, também havia muitas tribos. Algumas com o modo de vida bem semelhante ao das tribos indígenas no Brasil.

Por terem poucos conhecimento sobre a agricultura e pecuária eram nômades, isto é, viviam de deslocando.

Segundo historiadores, quando os portugueses chegaram a África, os nobres e os comerciantes que controlavam o poder naqueles reinos, perceberam que poderiam aumentar sua riqueza comerciando com eles. Os portugueses ofereciam tecidos, armas, bebidas e pólvora, em troca queriam principalmente escravos.

Muitos europeus, além de alguns chefes africanos, começaram a aprisionar e vender negros. Seres humanos passavam a ser caçados como animais. É claro que houve protestos e reações, mas as armas de fogo sufocaram a reação. A cada vitória levou de

prisioneiros eram conduzidos aos portos. No interior do continente negro, as crianças, não se afastavam muito dos pais com medo de serem laçadas por caçadores de escravos.

Desta maneira a ambição dos mercenários estimuladas pelos comerciantes europeus, fez da África um campo de guerra permanente.

ATIVIDADES

1 _ Após a leitura e explicação do texto, leia a poesia de Castro Alves e faça a interpretação.

2 _ Nas sociedades africanas haviam diferenças. Faça uma relação entre a sociedade daquela época com a atual.

3 _ Que importância tem o negro em nossa sociedade?

4 _ Como vimos, os escravos negros eram transportados para o Brasil nos porões dos navios tumbeiros, em condições precárias.

Com base no texto e na poesia que você leu e também nas gravuras, escreva o que você entendeu sobre:

_ transporte, alimentação, higiene, comércio de seres humanos no mercado de escravos, consequência do desgaste físico e emocional dos negros ao chegarem no Brasil.

TEXTO 2

TUMBEIROS: MORTOS E VIVOS VIAJAM JUNTOS

Nos portos, os negros eram embarcados nos navios e mandados para os diversos pontos do continente americano. As condições dessas viagens eram as piores possíveis. A viagem para o Brasil, durava em média 60 dias. Presos nos porões onde cabiam no máximo 300 homens, viajavam mais do que o dobro. Não havia espaço para ninguém se mexer. O banheiro era o próprio lugar onde a pessoa estivesse. Os vômitos por causa da viagem marítima eram constantes. O porão não era limpo durante a viagem.

Ao chegar ao Brasil, eram levados aos mercados de escravos e lá eram vendidos por peças. Um adulto era uma peça. Dois jovens, uma peça e três crianças uma peça. O comprador escolhia quem quisesse. Por causa disso as famílias muitas vezes eram separadas. Cada um no seu triste destino. Em sua maioria iam para as fazendas e engenhos, produzir açúcar ou servir na casa grande.

(História do Brasil. JUNIOR, Alfredo Boulos, p: 53)

LEITURA COMPLEMENTAR

O NAVIO NEGREIRO

*Era um sono dantesco!... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho
Em sangue a se banhar!...
Tinir de ferros, estalar de açoite
Legiões de homens negros como a noite
Horrendos a dançar.*

*Presa nos elos de uma só cadeia
A multidão faminta cambaleia
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece
Outro que de martírios embrutece
Cantando geme e ri!*

*No entanto o capitão manda a manobra
E após fitando o céu que se desdobra
Tão puto sobre o mar
Diz no fumo entre densos nevoeiros
“Vibrai rijo o chicote marinheiros!
Fazei-os mais dançar”.*

*Ó mar! Por que não apagas
Com esponjas de tuas vagas
De teu manto este borrão
Astros, noites tempestade
Rolai das imensidades.*

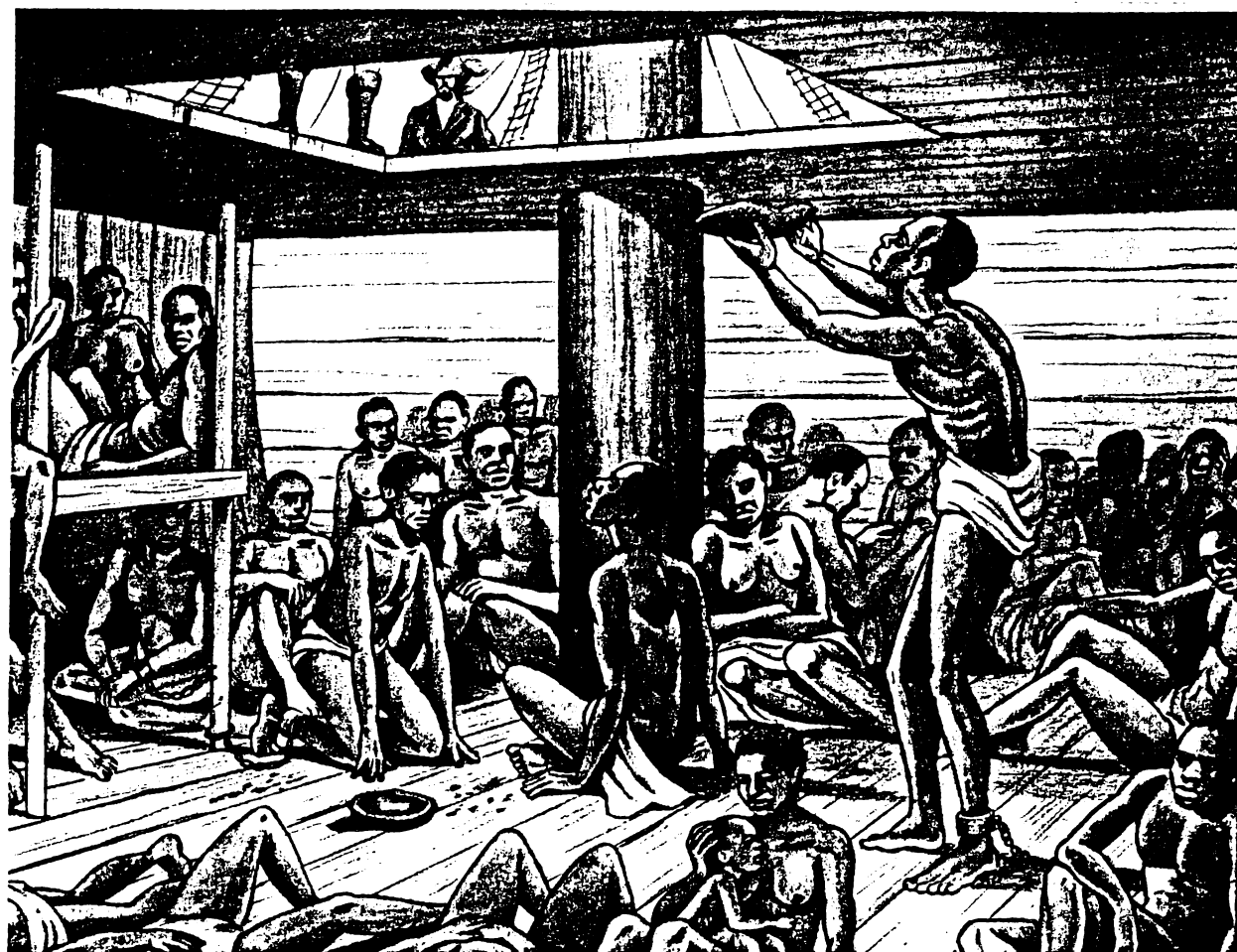
*Varrei os mares tufão!...
Auriverde pendão da minha terra
Que a brisa do Brasil beija e balança
Estandarte que a luz do sol encerra.
E as promessas divinas da esperança...
Tu que dá liberdade após a guerra
Foste hasteado dos heróis da lança
Antes que houvessem rota na batalha
Que serviste a um pouco mortalha!...
Andrada! Arrancas este pendão dos ares!
Colombo! Fecha a porta de teus mares.*

(MACEDO, J.R. *Brasil, Uma História em Construção*, 1996)



J.B. Debret

Mercado de escravos



Rugendas

Navio Negreiro



3ª UNIDADE

O PODEROSO SENHOR DO ENGENHO

O senhor do engenho, proprietário das terras, máquinas e escravos, era poderoso, temido, respeitado, servido e obedecido por todas as pessoas que viviam ao seu redor, fossem livres ou escravos. Sua vontade era lei nas suas terras e até mesmo na sua família.

As mulheres dos senhores de engenho (sinhás) viviam na casa-grande, ocupando-se dos filhos, dos bordados e dos escravos domésticos. Submetida aos caprichos e ordens do marido, era comum que a sinhá judiasse das escravas da casa, como forma de vingança.

As crianças filhas dos fazendeiros também se acostumavam a maltratar os negrinhos e negrinhas que lhe faziam companhia nas horas de brincadeira.

Quando chegava da África, o negro se encontrava solitário. Tinha sido separado de sua família, na aldeia onde vivia ou na hora do embarque para atravessar o Atlântico. Aqui iria iniciar uma nova vida: a de escravo.

Quando chegava, encontrava uma população dividida entre brancos, negros, mulatos e índios. Os brancos eram os senhores, e os negros os escravos. Mesmo entre os africanos não encontrava amigos, nem solidariedade, pois geralmente não falavam a mesma língua, não compartilhavam os costumes ou a religião. Os colonos preferiam juntar os negros originários de diferentes regiões da África, para evitar que eles se unissem, o que poderia fortalecê-los.

Além disso, aqui no Brasil o negro dificilmente construía família: as mulheres negras eram em número menor do que os homens e assim as ligações amorosas eram passageiras.

Mesmo casados, os escravos não tinham a garantia de permanecer sempre com a família, porque seu senhor podia vendê-los separados, se assim o desejasse. Nas fazendas, como a maior parte das ligações entre escravos não era permanente, as crianças nasciam

sem saber quem era o pai. O conjunto de escravos da fazenda tornava-se geralmente filhos de senhores de engenhos com escravas.

Com 7 ou 8 anos, o pequeno escravo já ia para o trabalho: na casa-grande, na aprendizagem de um ofício de artesão ou nas plantações.

Se ele se tornasse escravo doméstico, estaria mais próximo do mundo dos brancos; se fosse para o canavial, se ligaria mais ao grupo de negros da fazenda. Mas tanto um caso como o outro, o que se exigia era a obediência e fidelidade ao seu senhor.

TEXTO 3

O TRABALHO NO ENGENHO

Aqui nada é apatia; tudo é trabalho atividade, nenhuma movimento é inútil, não se perde uma só gota de suor.

Os edificios ficam num grande pátio; o engenho é uma extensa construção ao rês do chão, tendo em frente a senzala dos negros, deserta durante as horas de trabalho.

Vejo ao longe negros e negras curvados para a terra e excitados a trabalhar por um feito armado dum chicote que pune o menor repouso. Negros vigorosos cortam as canas, as raparigas enfeixam. Os carros, atrelados de quatro bois, Vão e vem do canavial ao engenho, outros carros chegam da mata carregados de lenha para as fornalhas. Tudo é movimento.

O engenho está sobre um terraço; cavalos estimulados por gritos dos moleques, fazem-no girar. Raparigas negras empurram a cana para os cilindros da moenda. Alguns descarregam a cana e as colocam ao alcance das mulheres; outros as transportam em grandes cestos e espalham no terreiro o baraço inútil da cana, que não é usado como combustível.

O edificio da *moenda* contém igualmente a importância das caldeiras, onde é cozido o caldo de que se forma o açúcar. *O mestre de açúcar* é um homem livre que tem às suas ordens negros que agitam o mel com grandes colheres. O fogo das fornalhas é alimentado noite e dia e é mantido durante os 5 meses que dura a safra. Negros transportam as formas *a casa de purgar*, que é dirigida por um mulato livre. Este tem sob suas ordens homens para a refinação e escorrer o mel que se vai ajuntar num reservatório. Esta dependência comunica-se com aquela onde se despejam as formas contendo o açúcar acabado. Ali os *pães cristalizados e purgados* são quebrados: separa-se as qualidades e espalha-se o açúcar para secar.

(Documento: L.F. Tollenare 1816 – 1818)

ATIVIDADES EM GRUPO

- 1 _ Qual é o título do documento?
- 2 _ Quem escreveu e em que época foi escrito?
- 3 _ O que você aprendeu lendo o documento
- 4 _ Agora leia-o novamente e com seus colegas de grupo, preencha o quadro abaixo:

Tarefas realizadas	Quem realizava	Trabalho livre ou escravo
1-		
2-		
3-		
4-		
5-		
6-		
7-		
8-		
9-		
10-		

- 5 _ Com base no documento que você leu, faça um desenho, mostrando como era o trabalho no engenho.
- 6 _ Pesquise em jornais, livros, revistas e converse com pessoas que possam informá-lo sobre a importância da cana-de-açúcar no Brasil atual. A seguir em grupo, escreva um relatório sobre os resultados da pesquisa.

4º UNIDADE

O CAFÉ

O café foi introduzido no Brasil, por volta de 1727. A princípio era um produto sem grande valor comercial. Utilizava-se o café como bebida destinada apenas ao consumo local.

Entretanto, a partir do século XIX, o hábito de beber café, alcançou grande popularidade na Europa e nos Estados Unidos e crescia rapidamente o número de consumidores internacionais do café. O clima e o tipo de solo do sudeste brasileiro, favoreciam amplamente o desenvolvimento da lavoura cafeeira. O país tinha disponibilidade de novas terras e já contava com a mão-de-obra escrava, que foi deslocada para a cafeicultura. Com todos esses recursos, o Brasil tornou-se em pouco tempo, o principal produtor mundial de café.

De 1830 até o fim do século, o café foi o principal produto exportado pelo Brasil que gerou grandes lucros e possibilitaram a recuperação econômica do Brasil que tinha suas finanças abaladas.

A riqueza do café fez dos cafeicultores, a classe social mais poderosa da sociedade brasileira. Eles passaram a exercer grande influência na vida econômica e política do país.

TEXTO 4

O CAFÉ E A ESCRAVIDÃO

O café, planta oriunda da Etiópia, começou a ser a grande riqueza do Brasil no início do século XIX.

A procura do produto no mercado mundial aumentou muito na época, pois ao mesmo tempo que tomar café se tornava um hábito crescente nos países europeus, as regiões cafeeiras originárias enfrentavam sérias dificuldades.

Os primeiros fazendeiros brasileiros de café, foram descendentes de portugueses que vieram para cá no século XVIII e se enriqueceram no comércio. Com a decadência da mineração aquelas famílias “transferiram para a corte, no Rio de Janeiro e resolveram aplicar suas reservas de capital em atividades agrícolas lucrativas.”

O sistema de produção de café foi o mesmo da cana-de-açúcar, isto é, “plantation”, grandes latifúndios monocultores, impulsionados pela mão-de-obra-escrava. Mas a abundância de terras doadas pela Coroa aos ricos empresários, induziu também a uma total despreocupação com o aprimoramento das técnicas de cultivo. A erosão e a má utilização do solo prejudicavam os cafezais, expondo suas raízes e enfraquecendo as plantações.

O café incrementou a escravidão. No final do século XVIII, o tráfico negreiro estava mais ou menos estacionado, mas o desenvolvimento das lavouras cafeeiras nas primeiras décadas do século XIX, provocou um grande aumento na chegada dos escravos.

Na época da Independência existiam cerca de um milhão e meio de escravos no Brasil. Em 1840 e 1850, calcula-se que desembarcaram no Brasil em média 40.000 escravos e só no ano de 1848, entraram no porto do Rio de Janeiro 60.000 cativos.

Desde 1831, havia uma legislação nacional que devia inibir o tráfico negreiro, porém, o corte efetivo a esse lucrativo negócio só começou em 1845. Neste ano a Inglaterra promulgou um ato Bile Aberdeen, que permitia a seus navios e soldados, a caça aos traficantes até em terras de outras nações.

“Plantation: grande propriedade cultivada por escravos por comparação às antigas fazendas dos Estados Unidos.

No Brasil, onde os cafeicultores precisavam cada vez mais de escravos, a perseguição inglesa intensificou o contrabando com o desembarque de trabalhadores negros, sendo efetuados em pequenos portos da costa Sudeste. Em 1854, a lei Nabuco de Araújo, extinguiu o tráfico sendo então fortalecido o comércio interprovincial.

As regiões mais pobres vendiam seus escravos para as ricas áreas cafeeiras, principalmente para o Vale do Paraíba.

Mas a economia escravista, já no começo da década de 1880, estava em acentuado declínio. Além do enorme preço a que chegavam os trabalhadores, a baixa expectativa de vida e a elevada mortalidade infantil e as constantes fugas, faziam os "barões do café, arrancar os cabelos pelos prejuízos".

(COTRIN, Gilberto. História e Consciência do Brasil. São Paulo. Saraiva, 1991)

ATIVIDADES

1 _ Em grupos, discuta com seus colegas:

- a)- Fatores que levaram ao aumento da produção de café no Brasil.
- b)- Sistema de produção adotado em relação ao café.
- c)- Conseqüências do tipo de utilização do solo adotado.
- d)- Comente e escreva o que você entendeu sobre a gravura: Título da gravura, autor, período em que foi feita, descrição do que aparece em 1º plano e ao fundo, descrição do cenário, aspecto do modo de vida e como Rugendas representou os escravos, semelhanças e diferenças no vestuário, adornos, armas e expressão corporal.



Colheita de café feita pelos escravos numa fazenda do Rio de Janeiro. Obra de Rugendas

5ª UNIDADE

A LUTA CONTRA A ESCRAVIDÃO

Por causa dos maus tratos sofridos nos engenhos e nas lavouras de café, os negros fugiam e por isso muitas vezes era comum a fuga individual e por isso havia até pessoas contratadas pelos proprietários para capturar escravos fugidos: *os capitães do mato*. O escravo que fosse recapturado sofria os maiores castigos e até mutilações, como a perda da orelha, parte dos pés...

Alguns negros inconformados com sua situação, preferiam morrer lentamente: deixavam de comer, de trabalhar e mingüavam até a morte; Dizia-se que o negro estava com *banzo*: a saudade insuportável de sua terra e da liberdade. Morrer representava a libertação, era a única forma de voltar à África.

TEXTO 5

QUILOMBOS: O ESPAÇO DA LIBERDADE

Muitas vezes os escravos se rebelavam ou fugiam em bandos para as matas. Em lugares de difícil acesso formavam os *quilombos*, que eram comunidades onde construíam casas, faziam roças de mandioca, feijão, milho, criavam alguns animais. Às vezes, índios fugidos ou ameaçados pelos colonos também se reuniam aos negros nos quilombos.

Nas vilas próximas, os *quilombolas* (*habitantes dos quilombos*) trocavam seus produtos agrícolas por artigos de que necessitavam. Algumas vezes, atacavam fazendas e vilas próximas e libertavam outros escravos.

Diante disso, os quilombolas procuravam defender-se, lutando contra seus atacantes. Como conheciam melhor o terreno onde viviam, deslocavam-se com rapidez e lançavam-se sobre seus inimigos, de surpresa, saindo muitas vezes vitoriosos. Quando derrotados, os negros sobreviventes eram levados de volta às vilas, presos e condenados ao açoitamento ou até mesmo à pena de morte.

Sobrevivendo por mais de 60 anos, Palmares conseguiu derrotar diversas expedições militares organizadas pelos holandeses, pela Coroa portuguesa e pelos fazendeiros. Para os senhores de engenho, Palmares consistiu uma ameaça, um exemplo perigoso, pois seu sucesso estimulava o desejo de liberdade e a formação de outros Quilombos.

O local era protegido por duas cercas de pau-a-pique, separadas por valas fundas. As estradas tinham pontes levadiças e eram sempre fortemente guardadas.

Os escravos raptados nas vilas e fazendas, que iam para o quilombo contra a vontade, tinham a condição de escravos, mas podiam se tornar livres depois de algum tempo.

Em 1694, o governador de Pernambuco contratou o paulista Domingos Jorge Velho para atacar o quilombo.

Os Palmares venceram, como já havia feito com inúmeras tropas enviadas para combatê-los. Foi mandado então um reforço, composto de soldados de recife e mais um grupo de moradores das povoações ao quilombo.

“Um quilombo é um esconderijo de escravos fugidos. É preciso distingui-los dos verdadeiros movimentos insurrecionais organizados contra o poder branco. O quilombo quer paz, somente recorre a violência se atacado, se descoberto pela polícia ou pelo exército, que tenta destruí-lo, ou se isto for indispensável a sua sobrevivência. Quilombos e mocambos são constantes nas paisagens brasileiras desde o século XVI. Reação contra o sistema escravista? Retorno à prática da vida africana ao largo da dominação dos senhores? Protesto contra as condições impostas aos escravos mais do que contra o próprio sistema, espaço livre para celebração religiosa? Os quilombos são tudo isso ao mesmo tempo. Eles surgem da própria instabilidade do regime escravista, do trabalho organizado sem qualquer fantasia, da severidade rígida, das injustiças e maltratos.

Representam uma solução a todos os problemas de inadaptação do escravo aturdido entre a comunidade branca e o grupo negro.

Brotam repentinamente mas com a força do número, nunca sociedade de maioria negra e de organização política totalmente incapaz de impedir esse tipo de concentração marginal.

Os quilombos encontram sempre apoio e solidariedade que lhes possibilitam viver fora da sociedade. Contudo o quilombo jamais é fruto de um plano premeditado; nascem pode reunir num mesmo refúgio a negros e crioulos, escravos ou homens livres, vítimas de leis discriminatória. A população é extremamente variada. Em geral ela se esconde nas áreas rurais, em pontos de acesso difícil, longe das cidades, das estradas, das plantações.

É o caso do célebre Quilombo dos Palmares, instalado no século XVII no interior do Atual Estado do Alagoas, pertencente a época da capitania de Pernambuco. O do famosíssimo mocambo do Pará, estabelecido por volta de 1820 a nordeste de Manaus, na floresta do rio Trombetas. Alguns quilombos, porém, formam-se às portas das grandes cidades”.

(Brasil História e Colônia. Antônio Mendes Jr., Luiz Roncari, Ricardo Maranhão. Brasiliense).

ATIVIDADES EM GRUPO

1 _ Como o texto define o Quilombo?

2 _ O Quilombo pode ser visto como um movimento de resistência dos escravos. Justifique.

6ª UNIDADE

ZUMBI

Desde muitos anos antes, Zumbi era muito temido pelos brancos, que consideravam os seus companheiros próximos como “a melhor gente para o combate.

Zumbi comandava vigorosamente seus soldados sitiados no Mocambo, repelindo vários ataques violentos, que os brancos, com sua superioridade numérica, munição não conseguia derrotá-los.

O Quilombo de Palmares era um lugar protegido por grandes muralhas e pela própria natureza. Todos os quilombolas trabalhavam e praticavam das atividades de defesa, sempre com êxito.

Mas em fevereiro de 1694, houve um confronto onde os palmarinos viram o fim aproximar-se e Zumbi, fuge das muralhas esgueiradno-se no interior da mata, jamais se entregou realizando nos meses seguintes algumas operações de guerrilha com seus homens, nos lugares que tão bem conhecia.

TEXTO 6

ZUMBI

O primeiro chefe de todas as vilas eleito pelos palmarinos foi Ganga Zumba, tio de Zumbi. Firmou, em 1678, um pacto de paz com o governador de Pernambuco, Aires de Souza e Castro. O acordo previa a deposição de armas dos quilombolas em troca da concessão de terras (fora de Palmares) e liberdade para os nascidos no quilombo. O pacto dividiu Palmares, e Zumbi assumiu a liderança da resistência ao acordo. Ganga Zumba deixou o quilombo e acabou assassinado por um partidário de Zumbi. Tornando-se o grande líder de Palmares, Zumbi militarizou a vida do quilombo. Ao longo de toda a sua existência, Palmares foi assediado por várias expedições holandesas e portuguesas, as quais, apesar de fazerem muitos mortos e prisioneiros, não conseguiram destruir o grande quilombo. Os palmarinos costumavam adotar a tática de emboscada, abandonando ao mocambos e atraindo os inimigos para a mata. Só em 1694, sob o comando do bandeirante Domingos Jorge Velho, partiu a expedição __ formada por brancos, índios e mamelucos __ que iria derrotar definitivamente Palmares. Em fevereiro de 1694 deu-se o enfrentamento entre os dois exércitos e o quilombo foi destruído, Zumbi acabou sendo morto em 20 de novembro de 1695, na serra Dois Irmãos, denunciado por Antônio Soares, homem que até então fora de sua confiança.

No dia 20 desse mês, surpreendido por Domingos Jorge Velho, Zumbi ainda resistiu com apenas 20 homens. Em algumas horas foram todos mortos. O rei negro combatendo até o fim em uma luta que sabia irreconciliável e que ameaçou seriamente a ordem colonial. Foi decapitado.

Espetada em um poste da praça principal de Recife a vista dos negros carregadores em sua faina interminável, sua cabeça aguardou com trágica serenidade o descarnamento.

Na mágica obscuridade de seus rituais ocultos, os negros de Pernambuco e Alagoas imortalizaram o grande líder.

Segundo Clóvis Moura, “Zumbi por isso mesmo não apareceu por acaso, foi a síntese da capacidade de organização, de mobilização e de resistência da república de Palmares, o seu herói símbolo, porque sintetizou na sua biografia, a biografia de seu povo, pelo qual deu a vida.

(SANTOS, Joel Rufino dos. *Zumbi*. São Paulo. Moderna, 1985.)

ATIVIDADES

Responda após a leitura do texto:

- a)- Por que Ganga Zumba perdeu o prestígio junto aos palmarianos?
- b)- Quem foi Zumbi?
- c)- Como Palmares foi destruída?
- d)- Comente a frase dos historiador Joel Rufino dos Santos: “Zumbi só vai morrer quando os negros o matarem”.

7ª UNIDADE

Filme: ESCRAVIDÃO NO BRASIL

Telecurso 2000 – Fundação Roberto Marinho

Este documentário é revisão de todos os conteúdos já trabalhados e expostos aos alunos nas aulas sobre Escravidão no Brasil.

- Navios negreiros
- Trabalho nos engenhos, fazendas e cidades.
- Fuga para os Quilombos e para as cidades.
- Revoltas Africanas
- Influência das palavras africanas enriquecendo o vocabulário, religião, música, culinária.
- Século XIX – Luta pela libertação.

ATIVIDADES

1 _ A classe será dividida em grupos de 5 alunos que farão atividades diversas como:

- Cartazes sobre a vida do engenho;
- Sobre a vida nas fazendas de café;
- Sobre a vida nos Quilombos;
- O trabalho nas cidades;
- Diferenças da vida no Brasil Colônia;
- Brasil hoje.

8ª UNIDADE

O ESCRAVO NEGRO

Durante a escravidão, o negro era “coisa”, mercadoria, era considerado o não-humano e não tinha com quem competir nessa situação.

O preconceito e a discriminação raciais passaram a ser exercidos com a presença dos imigrantes, isto é, numa situação de competição.

Quando se pretendia utilizar trabalhadores livres, os negros passaram a disputar emprego com os brancos. Por que não utilizar o negro que já se tornara livre?

A partir desse momento, a cor passou a ser um critério importante de seleção social. Os brancos eram considerados melhores trabalhadores que os negros. Numa situação de escolha, o branco passou a ser preferido nas “profissões nobres”. Os trabalhos considerados humilhantes pelos brancos, aqueles que estes não queriam executar por considerarem “Trabalho sujo” “trabalho de serviços” sobravam para o negro.

A linha de cor passou a se confundir com a linha de posição social de classe. Em outras palavras, a maioria dos negros passou a ocupar as mais baixas posições na sociedade.

“Aqui no Brasil, só não vence quem não quer” é a fala comum daqueles que ainda acreditam no mito da democracia racial.

Por que “mito”? Porque não existe; é irreal a igualdade das raças no Brasil. No entanto, essa é a idéia oficial vendida para o exterior. Um comportamento derivado do mito da democracia racial é o paternalismo branco. Sabem qual? Aquele do “tapinha” nas costas do negro seguindo de frases com: “Você é negro mas é inteligente”.

Por que o negro bom tem de ter alma branca? O fato de ser negro impede alguém de ser legal ou inteligente? Qual é a razão dessas afirmações?

Mas as pessoas não se dão por vencidas e dizem: E o Pelé, Milton Nascimento, Gilberto Gil, Jorge Ben, Luiz Melodia, Zezé Motta, Djavan?...O que eles tem em comum além do fato de serem negros?

Pelé, rei do Futebol, e os outros (...) são nomes expressivos “príncipes da música Popular Brasileira.

A ascensão social do negro devido ao destaque no esporte e na música é fato comum no Brasil. Isso já não acontece por exemplo, com o negro que se destaca no teatro, onde as dificuldades são inúmeras.

O exemplo desses “negros de destaque” é utilizado não raras vezes, para tentar mostrar a inexistência do racismo no Brasil. Mas como já dissemos, o esporte e a música são brechas de ascensão social dos negros permitidas pela sociedade.

Um negro se une a uma branca, e vice-versa, e enfrenta muitos e sérios problemas... Se o negro não for obrigado a assumir certos valores da nossa democracia racial, vai ter de mostrar sempre que é duas vezes ou mais, melhor que qualquer branco. E isso não é igualdade!

(TREVISAN, Leandro. *Abolição – Um suave jogo político*. São Paulo. Moderna, 1988.)

TEXTO 8

COMO VIVE O NEGRO NO BRASIL ATUALMENTE

Como vimos, para justificar a escravidão, o europeu afirmava que o negro pertencia a uma raça inferior e que por isso estava destinado a ser escravo.

Ainda baseado neste ponto de vista, o governo da república da África, manteve até 1993, o “apartheid”, uma política odiosa de segregação racial que negava a maioria negra do país, seus direitos básicos: de voto, de prosperidade, de ir e vir, de decidir onde morar.

No Brasil, a discriminação não está presente na lei, mas os séculos de escravidão alimentaram o preconceito racial contra o qual o negro ainda hoje luta. Obrigado, desde o fim da escravidão, a aceitar trabalhos mal-remunerados, a maioria da população negra continua enfrentando dificuldades de acesso à educação e a salários dignos.

O preconceito é tão enraizado que pode ser percebido até em pequenos detalhes, como deturpação do sentido de certas palavras que se referem ao negro.

Há muito mais negros analfabetos, sem terras para trabalhar, vivendo nas favelas e ganhando abaixo de um salário mínimo, do que brancos. E pouquíssimos têm chance de completar um curso universitário ou conseguir um emprego de alto nível.

Ainda assim, muitos negros têm conseguido romper as barreiras do preconceito e das condições de vida desfavoráveis, destacando-se nas mais diversas áreas.

É o caso por exemplo de José do Patrocínio, que ainda no tempo da escravidão, distinguiu-se como jornalista e orador; Mulato, filho de escrava, Aleijadinho viveu em Minas onde se encontram suas principais esculturas e belíssimas igrejas que construiu e ornamentou.

Em nosso tempo, só para lembrar alguns nomes, poderíamos citar Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, jogador de futebol, famoso no mundo inteiro; os músicos: Milton Nascimento e Gilberto Gil; o ator: Milton Gonçalves, escritor político Abdias do Nascimento... Uma lista numerosa.

Mas os negros sabem muito bem que o talento e o esforço individuais não bastam para resolver o problema de tantos. Por isso procuram se agrupar como no Movimento Negro Unificado, fundado em 1978, para lutar coletivamente contra o racismo e a exploração a que são submetidos.

Também comemoram o Dia Nacional da Consciência Negra, em 20 de novembro, data da morte de Zumbi.

Apesar do negro elevar-se intelectual e socialmente, impondo-se conquistando situações e posições a que muito legitimamente tem o direito de aspirar, ele será recebido sim, mas não totalmente, plenamente aceito sem restrições. Será suportado pela posição que atingir, pelo saber que adquiriu, pelo posto que ocupa, pela função que exerce, mas não aceito de coração, de braços abertos.

Esse o fato. Esse o preconceito que se faz necessário modificar, mudar para que nunca venhamos a contemplar em nossa terra os deprimentes espetáculos que ocorrem em outras latitudes do nosso continente; para que jamais possamos ter os problemas que outros povos enfrentam, as lutas inglórias que sustentam.

(VALENTE, Ana Lúcia E.F. *Ser negro no Brasil hoje.*)

ATIVIDADES

Em grupos:

- a)- Explique: Qual a necessidade de se preservar a cultura negra?
- b)- O que você entendeu por discriminação racial?
- c)- Faça uma pesquisa sobre os seguintes elementos da cultura africana, que foram incorporados à brasileira: alimentos e temperos, danças, ritmos e jogos, crenças religiosas, palavras.

d)- Com a escravidão houve uma miscigenação, uma mistura racial forçada entre negros, europeus e índios. O resultado foi uma grande população de mestiços. A influência do elemento negro na distribuição populacional é marcante. Grande parte da população brasileira são originários dos negros escravizados desde o período colonial.

Depois da abolição, será que os filhos, netos e bisnetos dos escravos tiveram as mesmas oportunidades de sobrevivência que os descendentes dos homens livres?

Justifique.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIL. Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. O trabalho na colônia. In Linhares Matia Yelda (org). História geral do Brasil. Rio de Janeiro, Campus, 1990.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. São Paulo. Nacional.

LAPA, José Roberto do Amaral. O sistema Colonial. São Paulo. Ática, 1991.

TREVISAN, Leonardo. Abolição, um suave jogo político. São Paulo. Moderna, 1988.

TRINDADE, Judite Maria Barboza, SCHMIDT, Maria Auxiliadora, M. S. Formação da Sociedade Brasileira. Curitiba, UFPR, 1992.

VALENTE, Ana Lúcia E.F. Ser negro no Brasil hoje. São Paulo. Moderna, 1987.